

TURISMO RURAL NAS MONTANHAS CAPIXABAS: COMO VIVEM E TRABALHAM MULHERES E HOMENS EM UM CAMPO EM TRANSFORMAÇÃO

Patrícia Ferraz do Nascimento
Ana Louise de Carvalho Fiúza
Neide Maria de Almeida Pinto
Marco Aurélio Marques Ferreira
Rita de Cássia Zanúncio Araujo
Adriele Schmidt

1. INTRODUÇÃO

Com as transformações sociais, econômicas e culturais no campo, o qual se torna cada vez mais diversificado economicamente, com as atividades não agrícolas crescendo de importância e a proximidade com a cidade acentuando as possibilidades de intercâmbios em todas as esferas sociais um conjunto de atividades diferentes das tradicionais passou a ser desenvolvido no campo, atividades essas, que caminham junto com um processo mais amplo de *inter-relação entre os modos de vida* rural e urbano.

Segundo o Censo (2000) havia aproximadamente 15 milhões de pessoas economicamente ativas no campo no país, mas cerca de 1/3 delas trabalhavam em ocupações não agrícolas. Essas ocupações, ligadas a atividades orientadas para o consumo como lazer, turismo, residência e preservação ambiental foram aquelas que mais cresceram no campo (média de 3,7% ao ano) ao longo da década de 1990 (OLIC, 2001). Dentro desse processo de reestruturação do campo destaca-se a atividade não agrícola de turismo rural, a qual será norteadora dessa análise por representar uma das faces mais claras do entrelaçamento dos modos de vida de citadinos e rurais. Nesse contexto, o presente artigo, que é parte dos resultados finais da dissertação, tem por objetivo descrever e analisar o perfil da população rural envolvida com a atividade de turismo no campo, bem como as características desses empreendimentos e das propriedades rurais.

2. METODOLOGIA

A coleta de dados foi realizada no ano de 2012, com a população de dois municípios Capixabas: Venda Nova do Imigrante e Domingos Martins, que se destacam na região sudeste do país, pelo desenvolvimento crescente do turismo rural, combinado com atividades agrícolas. Ao todo identificou-se 111 empreendimentos rurais nos dois municípios que recebem turistas. Os empreendimentos de turismo rural se encontravam distribuídos em oito circuitos turísticos. Tentou-se realizar um censo, porém em alguns casos os gestores não foram encontrados nas propriedades. Assim, aplicou-se ao todo 88 questionários, sendo que todos os circuitos foram atendidos. Os dados obtidos por meio dos questionários foram analisados a partir de abordagem quantitativa e qualitativa. Os dados foram tabulados e submetidos quando pertinente à análises estatísticas com a ajuda do software *SPSS 20.0*. Para a descrição dos dados, utilizou-se a análise exploratória (EAD) e os testes de hipóteses, adotando-se um nível de significância de 5%.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante a realização da pesquisa de campo, foram aplicados questionários a 88 protagonistas desse processo, sendo que destes 80,7% eram do sexo feminino e 19,3% do sexo masculino, ou seja, esses agentes são, em sua maioria, as mulheres.

Quanto ao local de residência dos respondentes 84,1% da amostra vivem no campo, sendo que 83% vivem na mesma propriedade que trabalham com turismo rural, os outros 15,9% residem na cidade e trabalham no campo. Assim, a tradicional junção entre o mundo do trabalho e o mundo da casa continua fortemente arraigada no modo de vida rural. Em Venda Nova do Imigrante 96,7% dos respondentes eram naturais da região, enquanto que em Domingos Martins essa porcentagem caiu para 69%.

Cabe destacar que o município de Domingos Martins por se localizar próximo a capital do Estado e por suas belezas naturais e clima de inte-

rior atrai também um grande número de não agricultores, de aposentados e de residências secundárias. Em 2004 o número loteamentos e condomínios fechados já chegavam a 2.244, ocupando uma área de 5.587.038 metros quadrados e dividindo espaço com a agricultura e com o turismo (BERTOCCHI, 2006). A presença de *estrangeiros* e de não agricultores no campo é entendida por autores como Rambaud (1973), Graziano da Silva (1997) e Wanderley (2009) como resultado do processo de transformação do rural, visto que a perda da centralidade da atividade agrícola e as novas amenidades rurais atraem empresários urbanos que passam a ver no campo uma boa opção para o desenvolvimento de seus negócios e investimentos. Além disso, a presença desses novos grupos no campo contribui para a diversificação de uma população que antes era caracterizada por sua homogeneidade.

No entanto, de acordo com Wanderley (2009) e Rambaud (1973) essa diversidade de grupos sociais, mentalidades e interesses pode gerar conflitos entre os moradores locais, nativos e aqueles que vêm de fora. Obteve-se na pesquisa alguns relatos desses tipos de conflitos, como pode ser observado pela declaração abaixo:

“(...) a coisa mais interessante do turismo é que os donos estejam presentes (...). Eu falo isso porque já teve uns 4 ou 5 (de fora) na região que abriram achando que ia ser um alto negócio e fecharam, (...) fecharam porque não tinha conteúdo no turismo. Então eles (os turistas) querem aquela conversa, aquela brincadeira, liberdade. Porque é a família recebendo a família.” (Respondente 4, homem, nativo, agricultor, 57 anos)

Notou-se pela fala do empreendedor que os novos rurais, que vem da cidade interessados em abrir grandes negócios na região, não são bem vistos, nem pelos nativos, nem pelos turistas, que não reconhecem neles o *verdadeiro homem do campo*, e em consequência disso podem falir, já que não possuem o *conteúdo* exigido pelo turismo rural.

Quanto à idade dos respondentes, essa variou entre o mínimo de 18 e o máximo de 74 anos, apresentado um desvio-padrão de 12, 76 e uma média 45, 14 anos. No que se refere ao estado civil da amostra, 75% desta

se constituíam de indivíduos casados. O número de filhos variou de 0 a 7, sendo a média 1,92 filhos por respondente. Em relação ao número de filhos que ainda moram no mesmo domicílio que os pais a média cai para 0,93 filhos, variando de 0 a 4 filhos. Por fim, o número de pessoas por domicílio variou de 1 a 6 pessoas, sendo a média 3,16 pessoas por domicílio. A família extensa rural segundo Rambaud (1973) era célula base para o trabalho agrícola voltado ao autoconsumo, já que esse se estabelecia sobre a gratuidade da mão de obra familiar. Assim, famílias rurais menores indicam possivelmente uma mudança na concepção de trabalho rural que hoje não é visto apenas pelo cunho agrícola e muito menos da subsistência.

Quanto ao tamanho das propriedades este variou de 0,03 a 356 hectares, sendo a média 30,58 hectares. Resultado esse que segue a tendência nacional, corroborando o estudo de Carvalho (2009), visto que a pesquisadora observou que 43% das propriedades turísticas no Brasil possuem área de até 50 hectares. Em 63,6% das propriedades existia a combinação de atividades agrícolas e não agrícolas, sendo que em Venda Nova essa porcentagem é maior, refere-se a 80% das propriedades, enquanto que em Domingos Martins ela corresponde a realidade de 55,2% das propriedades.

No que se refere a organização das propriedades em termos de circuitos e rotas de turismo rural, observou-se na região a presença de 8 circuitos, sendo eles: Agroturismo de Venda Nova (34,1), Orgânicos e naturais (4,5%), Pedra Azul (30,7%), Paraju (20,5%), Galo (2,3%), Vale da Estação (1,1%), Chapéu (3,4%), Sede (3,4%). Quanto as modalidades ou tipos de turismo rural praticados, estes estão divididos em uma diversidade de 13 modalidades diferentes, sendo elas: agroturismo, pousada, restaurante, agroindústria, apiário, pesque e pague, pousada e restaurante, artesanato, hotel, sítio de lazer, lanchonete, colhe e pague, piscicultura. O agroturismo é a principal modalidade praticada na região perfazendo um total de 29 empreendimentos, conta-se também com quantidade relevante de pousadas (12), agroindústrias (14) e restaurantes (9).

Quanto ao número de pessoas da família do proprietário e de pessoas contratadas que trabalham com o turismo rural e com agricultura nas propriedades, observou-se, que a média do número total de pessoas envolvi-

das no turismo rural é de 6,07 trabalhadores por propriedade, enquanto que para a agricultura a média é de 2,38 trabalhadores por propriedade. Quando comparou-se o número de pessoas da família do proprietário que trabalham com o turismo entre os empreendimentos que trabalham apenas com atividades não agrícolas e os pluriativos, observou-se que a média de integrantes da família no caso das atividades não agrícolas é de 2,47 trabalhadores, enquanto que nas propriedades pluriativas é de 3,20 trabalhadores. Pelo teste de médias verificou-se que os empreendimentos que contam com a presença da agricultura tendem a utilizar mais a mão de obra familiar do que aqueles que trabalham apenas com o turismo rural.

Quanto à regularidade dos empreendimentos de turismo rural averiguou-se 73,9% deles possuíam algum tipo de registro, seja a nível municipal (33,0%), estadual (2,3%) ou mesmo enquanto empresa jurídica (38,6%). Quanto ao apoio de órgãos públicos 71,6% dos empreendedores disseram receber apoio do poder público, sendo que esse apoio vem principalmente dos seguintes: INCAPER (47,7%), SEBRAE (52,3%) e Prefeitura municipais (28,4%).

No que se refere aos motivos que levaram os respondentes a iniciar a atividade de turismo, observou-se as seguintes alternativas (Tabela 1).

Tabela 1. Motivos que levaram os respondentes a iniciarem a atividade de turismo rural.

Motivações que levaram ao turismo	Porcentagem (%)
Agregação de valor ao produto/propriedade	9,1
Aproveitamento de toda a propriedade	2,3
Dificuldades encontradas na agricultura	19,3
Incentivo de amigos e/ou vizinhos	6,8
Necessidade da mulher ter sua própria renda	9,1
Necessidade de aumentar a renda	10,2
Necessidade de não ficar parado depois da aposentadoria	1,1
Região favorável para o turismo	23,9
Sonho do respondente e/ou demais membros da família	10,2
Tradição de família	8,0
Total	100

Fonte: Resultados da pesquisa, 2012.

Outra questão bastante apontada na literatura é sobre se as atividades não agrícolas concorreriam com a agricultura de forma a prejudicar e acabar com a última, ou se ela se constituiria em uma forma necessária para ajudar a manter a agricultura de pequeno porte na atualidade. Pelos relatos observou-se que de uma forma geral, o turismo contribui para a manutenção da atividade agrícola, seja fixando os preços dos produtos agrícolas, seja pelo aproveitamento de produtos que se perdiam na época da safra, e que com o turismo são transformados em geléias, doces e compotas, tendo, portanto, valor agregado e maior tempo de prateleira, como pode ser averiguado pelos relatos abaixo:

“É porque é assim o morango que a gente vendia antes de mexer com o turismo ele tinha um preço, um preço do geral, com o turismo nos colocamos o nosso preço então ele é vendido lá na roça com o preço que a gente tem aqui. Que é o dobro. O turismo que deu o preço de lá (mercado), foi o turismo que deu o preço.” (Respondente 25, mulher, pluriativa, nativa, 40 anos)

“Na agricultura a gente perdia muito, tinha muito desperdício. Agora a batata que é pequena vira picles, ai vende mais, o pequeno você perdia, agora vira geléia, licor.” (Respondente 59, mulher, nativa, 30 anos)

Em apenas três dos casos estudados o abandono da agricultura se deu em função da atividade turística, nesses casos em particular a atividade turística tomou uma proporção tão grande que fez com que a família optasse por abandoná-la e dedicar-se somente ao turismo devido ao maior rendimento do último.

Quanto ao fluxo de turistas, o número de turistas por mês varia de 10 a 6000 dependendo do empreendimento, do tempo na atividade e da época do ano, sendo a média de 549,4 turistas por mês, com um desvio-padrão alto de 927,9. A época do ano de maior movimento é o inverno, está estação do ano é um dos grandes atrativos da região por se tratar de uma região montanhosa de clima frio. Segundo 73,9% dos respondentes o inverno e os feriados são os períodos de maior movimento.

No que se refere as percepções dos respondentes em relação as vantagens de se trabalhar com o turismo rural, obteve-se as seguintes respostas, dispostas na Tabela 2.

A vantagem citada mais vezes pelos respondentes foi o fato de ter uma renda melhor e mais segura, haja vista que na agricultura a renda era pouca e os riscos grandes, já que se está exposto às oscilações da natureza e da economia. O que pode ser observado a seguir nas falas dos respondentes:

“(...) é possível morar na roça com dignidade, nessa época que nos entramos (no turismo) já estava todo mundo saindo pra cidade, porque a gente não via mais opção, a gente plantava uma cenoura, vinha a chuva estragava tudo ou senão via o vizinho plantar um monte de repolho e fazia um dinheirão, a gente ia lá enchia a vagem de repolho, moral da historia ninguém comprava, né, você plantar uma coisa que já tá cheio e a gente não tinha essa visão de mercado.”(Respondente 8, nativa, mulher, 54 anos)

“É uma coisa mais certa, você vendeu, você colocou seu preço, você atendeu, não é aquela coisa que você planta espera, espera alguém por preço no seu produto.” (Respondente 25, nativa, mulher, 40 anos)

Tabela 2. Vantagens do turismo rural

Vantagens do turismo rural	Frequência	Porcentagem (%)
Ter uma renda melhor e mais segura	72	81,8
Interação e comunicação com o turista	57	64,8
Aquisição de conhecimentos e habilidades	50	56,8
Agregação de valor ao produto e/ou propriedade	29	33,0
Continuar vivendo no campo	25	28,4
Trabalhar próximo de casa	21	23,9
Venda a vista/sem necessidade de atravessador	15	17,0
Ser dono do próprio negócio	12	13,6
O turismo é um trabalho mais leve que o da agricultura	5	5,7
Promoção do desenvolvimento regional	4	4,5

Fonte: Resultados da pesquisa, 2012.

Quanto as desvantagens da atividade observou-se que a maior parte delas está relacionada ao fato de se trabalhar muito, sem folgas e sem finais de semana, como observou-se na Tabela 3.

Observou-se, portanto, que o turismo faz com que os respondentes modifiquem ou adaptem seus antigos costumes a nova realidade, portanto coloca-se nesse processo algumas resistências por parte da população rural em abrir mão da sua liberdade e dos seus domingos e dias santos ou mesmo do momento sagrado da refeição, dias esses que no passado eram tidos como dias de descanso, dias de não trabalho.

As dificuldades com a legislação também citadas pelos respondentes, se devem ao fato de não existir uma legislação específica para o turismo rural, visto que, ao mesmo tempo, que a legislação exige que as agroindústrias se adéquem aos padrões de higiene e qualidade gerais, os empreendedores precisam manter um ambiente tipicamente rústico, para atrair os turistas. Por exemplo, a legislação não permite que visitantes entrem na área de manipulação de alimentos, no entanto, os turistas desejam participar do processo produtivo. Essas exigências também descaracterizam os produtos tradicionais, como vem acontecendo com o queijo que não pode mais ser maturado em prateleiras de madeira e com o socol que só pode ser feito com carne de frigorífico.

A preocupação ambiental também é muito exigida dos empreendedores da região, especialmente por se tratarem de municípios turísticos.

Tabela 3. Desvantagens do turismo rural

Desvantagens do turismo rural	Frequência	Porcentagem (%)
Não tem folga	29	33,0
Trabalhar durante finais de semana e feriados	23	26,1
Muito trabalho	16	18,2
Dificuldades com a legislação	10	11,4
Falta de mão de obra no campo	10	11,4
Atividade de caráter sazonal	5	5,7
Perda de privacidade	5	5,7
Ausência ou pouco apoio dos órgãos públicos	4	4,5

Fonte: Resultados da pesquisa, 2012.

O município de Domingos Martins possui uma unidade de conservação ecológica, um dos atrativos turísticos mais visitados da região, o Parque Estadual da Pedra Azul (BERTOCCHI, 2006). A preservação desse parque tem efeitos sobre todas as comunidades vizinhas, afetando assim os dois municípios da pesquisa. Nesse sentido, as exigências feitas por órgãos ambientais vão contra o conhecimento prático e a utilização que os agricultores fazem da terra e da natureza, gerando assim alguns problemas, como relata-se abaixo:

“(...) Eu falo que eles aprenderam debaixo de laje, debaixo de telhado, num sabe a prática. Em vez deles ver a realidade. Os deputado também faz a lei lá encima prum Brasil que é tudo diferente. Você acha que vai deixar 30 metros de cada lado de um córrego? Eu já falei, eu num sei como que anda as coisas, no meu pensamento, num vai 10 ano que o povo da cidade vai passar fome. Mas nós, nois vamú bater o pé, eu não aceitou, não.” (Respondente 9, homem, nativo 68 anos)

“(...) falaram que eu tava roubando areia, a minha areia. A gente toda vida usou (areia), (...) Aí eu fiquei muito revoltado com aquilo (...).” (Questionário 24, homem, nativo, 42 anos).

Assim, verificou-se pelos relatos um processo de conflito no que se refere as leis ambientais, na perspectiva desses respondentes os governantes fazem as leis sem conhecer a realidade e as particularidades de cada região e sem se preocupar com o futuro do agricultor. Ademais essas leis esbarram na questão da autonomia do agricultor, de poder gerir sua propriedade da forma que lhes convém e parece mais adequada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os resultados já expostos anteriormente é válido destacar que os empreendedores do turismo rural, são em sua maioria mulheres que encontraram nessa atividade uma possibilidade de auferir renda e autonomia, dessa forma a atividade de turismo rural tem o potencial de contribuir para maior equidade nas relações de gênero no campo. Ou-

tro aspecto bastante enfatizado neste estudo é a influencia do turismo rural na diversificação dos grupos sociais que residem e/ou trabalham no campo, mostrando que o campo deixou de ser pensado apenas pelo viés agrícola, tornam-se espaço de consumo, voltado para atividades ligadas a residência e de lazer a partir das diversas formas de turismo rural. A presença de estrangeiros e de não agricultores no campo é resultado desse processo de transformação do rural. Cabe destacar que, ao contrário, do que indicam alguns estudos, que relatam que o turismo rural compete com a agricultura, nas propriedades investigadas o turismo contribuiu para a manutenção da atividade agrícola, seja fixando os preços dos produtos agrícolas independente da época ou das oscilações do mercado, seja pelo aproveitamento de produtos que se perdiam na época da safra.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTOCCHI, L. P. (2006). *Forma de valorização do capital por meio dos loteamentos fechados no município de Domingos Martins/ES*. 131f. Programa de Pós-graduação em Ciências econômicas. Vitória-ES: Universidade Federal do Espírito Santo.
- CANDIDO, A. (1964). *Os parceiros do Rio Bonito*. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- CARVALHO, M. S. *Turismo e a questão de gênero – o papel da mulher no desenvolvimento do turismo rural no Brasil*. Curso de Especialização em Turismo e Desenvolvimento Econômico Universidade de Brasília. Brasília – DF: 2008.
- GRAZIANO DA SILVA, J. (1997). O novo rural brasileiro. *Nova economia*, Belo horizonte. Vol. 7, n. 1, p. 43-81.
- OLIC, N. B. (2001). Aspectos do novo rural brasileiro. *Revista Pangea*: Quinzenário de Política, Economia e Cultura. Disponível em: < http://www.clubemundo.com.br/revistapangea/show_news.asp?n=100&ed=4>. Acesso em: 21 de set. de 2012.

RAMBAUD, P. (1973). *Société rurale et urbanisation*. Paris: Editions du Seuil, 343 p.

WANDERLEY, M. N. B. (2009). *O mundo rural como espaço de vida – reflexos sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade*. Porto Alegre: UFRGS Editora.

Agência Financiadora da Pesquisa: CNPQ.

Banca: José Ambrósio Ferreira Neto, Vicente Paulo dos Santos Pinto, Nora Beatriz Presno Amodeo.